

ALCEU AMOROSO LIMA E BERNANOS

MARIA CECÍLIA DE MORAES PINTO

Universidade de São Paulo

Resumo

O presente texto descreve aspectos de uma amizade intelectual, nem sempre tranqüila, entre dois escritores – Amoroso Lima e Bernanos –, ao mesmo tempo próximos e distantes um do outro.

Abstract

This text describes some aspects of a not always very peaceful friendship between two writers – Amoroso Lima and Bernanos – simultaneously close and far from each other.

Palavras-chave

Política, religião, arte, guerra.

Keywords

Politics, religion, arts, war.

Comunicação apresentada no Colóquio: “Bernanos et le Brésil”. Mesa-redonda “Bernanos e os intelectuais brasileiros”. Rio de Janeiro, UFRJ, 22 de agosto de 1998.

O ano de 1938 é a pedra angular na história das relações entre os intelectuais brasileiros e Georges Bernanos. A Guerra da Espanha e o crescente avanço das variadas formas de fascismo, todas fundadas na opressão e desrespeito ao homem, ameaças a um mundo cego que compra sua paz à custa de alianças ignóbeis, constituem o cenário que explica, em linhas amplas, aquilo a que inicialmente Bernanos chamou de exílio. Exílio no Paraguai, que se frustra; exílio no Brasil, que, se não foi, como nas narrativas de viagem, a descoberta do paraíso, foi o contato com “a terra da esperança”, tal como Milner¹ intitula a permanência de sete anos em terras brasileiras e como o próprio escritor a descrevia:

Le Brésil, l'immense Brésil, déclarait Bernanos em 1939 à un journal de Juiz de Fora, a été pour moi, dès le premier jour, la terre de l'espérance, un des lieux du monde où l'on espère le mieux...²

Mas onde melhor se configura o significado profundo de nosso país é no prefácio de *Lettre aux Anglais*,³ análise sentida de uma experiência existencial.

Se tais colocações apontam para o desdobramento de um intercâmbio França-Brasil, iniciado desde a colonização e tornado francamente cultural após a Independência, o que me interessa aqui diz respeito a esse “outro” que fomos (e talvez ainda sejamos!), nas relações com a cultura européia; ou seja, nessa circunstância, interessam-me as reações de um pensador brasileiro, Alceu Amoroso Lima.

A maior aproximação entre esses dois católicos – o romancista combativo cuja obra de ficção estava praticamente concluída e o crítico literário, agora comprometido com a militância religiosa e, só mais tarde, pilar de uma resistência à ditadura

¹ Max Milner, *George Bernanos*, Paris, Desclée de Brouwer, 1967.

² Apud Max Milner, *Georges Bernanos*, op. cit., p. 286.

³ Georges Bernanos, *Lettre aux Anglais*, Rio de Janeiro, Atlântica, 1942.

dos anos sombrios que se iniciaram em 1964 – vai acontecer, pois, com a vinda de Bernanos. Em comum, por certo, o fato de pertencerem ambos a uma renovação espiritualista que, segundo dirá o próprio Alceu, começara tão antes na França e, no Brasil, só a partir de 1922. Ao penetrar nos meandros mais complexos do vínculo intelectual e filosófico-religioso, vale lembrar pormenores do encontro propriamente dito.

À leitura do livro de Milner, conclui-se que Amoroso Lima teria ido receber Bernanos, já em sua primeira passagem pelo Rio de Janeiro. Entretanto, embora fosse esse o desejo do crítico, há uma afirmação enfática, em artigo publicado no *Diário de Notícias*,⁴ de que tal não ocorreu. Ele estava em Santos e não teria podido acolher Bernanos, em 5 de agosto. Na segunda vez, em inícios de setembro, quando o viajante já constataria a inconveniência de permanecer no Paraguai para onde se dirigira, o brasileiro teria ido esperá-lo?

O fato é que o contato inicial assumiu as características de um confronto. Depois de Alceu ter sido apresentado por Robert Garric, foram os três almoçar no restaurante carioca Lido. Uma frase descuidada ou mal interpretada desencadeia a fúria do recém-chegado. E ele não hesita em atribuir ao seu interlocutor uma atitude simpática à “política de conciliação com Hitler”. A essa altura, antes do acordo de Munique, no momento em que Alceu Amoroso Lima ainda está se desfazendo de resíduos integralistas, a reação de Bernanos parece ter certo sentido. Entretanto, no livro apaixonante que é esse *Memórias improvisadas*, heterobiografia do pensador brasileiro, na qual sua vida é enfocada do ponto de vista das posições políticas e religiosas, escrito por Medeiros Lima⁵ com base em entrevistas, devidamente revisadas pelo entrevistado, registra-se o protesto veemente de quem se julgou vítima de uma injustiça:

Bernanos, que me fuzilava com os olhos, deblaterava, atacando o espírito de conciliação, o direitismo, a acomodação, o fascismo [...] Não havia razão para todo aquele destampatório, pois (eu) não discordava em nada de sua opinião.

E conclui não ter entendido uma violência “que desde logo revelava a distância entre o meu e o seu temperamento”.⁶

Mas também a despedida, em 1945, nada teve de ameno.⁷ A discussão girou em torno do papel dos Estados Unidos na guerra e no mundo. Um vendo generosidade na participação americana em uma luta de muitos (e quantos no Brasil e no mundo não pensaram assim?), o outro acusando a civilização da máquina, da técnica, da produção em massa. Aquele mudaria de idéia, ou melhor, diria que certa terrível mentalidade americana do “*Make money, honestly if you can*” estava voltan-

⁴ Posteriormente reproduzido em Hubert Sarrazin (org.) *Bernanos no Brasil*, Rio de Janeiro, Vozes, 1968, p. 23.

⁵ Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), *Memórias improvisadas*. Diálogos com Medeiros Lima, Petrópolis, Vozes, 1973.

⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 157.

⁷ Hubert Sarrazin, *Bernanos no Brasil*, *op. cit.*, p. 25.

do por lá; este, George Bernanos, continuaria a condenar a modernização em seu *La France contre les robots* (1947).

Se a familiaridade entre ambos pôde ser globalmente caracterizada por Alceu Amoroso Lima como “eterno contraste entre atitudes discordantes e idéias comuns” e se um dia ele lamentou que não tivessem chegado, por isso mesmo, a uma amizade mais profunda, sua admiração por “aquele homem que era uma coluna de fogo” manteve-se a ponto de entristecê-lo a releitura de uma carta na qual o escritor francês assinala justamente a impossibilidade de entendimento cordial entre ambos.⁸

Na verdade, o que Bernanos apreciou, em geral, no grupo dos intelectuais que o cercaram e que ele afirma ter conhecido pouco porque viveu quase sempre no interior, é, antes de mais nada, a maneira como usavam a cultura francesa. Seria essa um instrumento de defesa contra o que desejavam repudiar. No entanto, até as elites, ao preservarem bens culturais e morais, continuavam solidárias às origens camponesas.⁹ Se Bernanos parece não estar pensando no problema central das relações franco-brasileiras, sem dúvida passa muito perto dele. Particularmente no Romantismo, momento em que surge a necessidade de afastar o passado colonial, a França ofereceu um caminho no qual se ativaram as tradições locais, o amor à terra, a exaltação mítica do homem brasileiro. Esse papel de intermediação entre o dado local e o universal a que se aspira minimiza-se, ao longo do tempo, esmaecendo no século XX, mas ainda sensível até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Isso posto, na perspectiva brasileira, a conjunção entre os dois escritores afigura-se mais significativa do que as incompatibilidades. Para Alceu Amoroso Lima, que paulatinamente se encaminharia rumo a uma vivência cristã, na orientação fixada enfim por João XXIII, a presença bernanosiana tendeu a ser bem mais forte quando entrelaçada à recuperação da fé e, em seguida, ao abandono de retrógrados princípios políticos.

Em 1928, portanto, aquele que até então assinara seus artigos como Tristão de Athayde, (re)converte-se ao catolicismo, ou seja, opta finalmente por um comprometimento com a religião que fora em sua vida, a exemplo do que acontecia com muitos brasileiros, apenas um rótulo sem maior conteúdo. Explicará sua mudança em um artigo “Adeus à disponibilidade”.¹⁰ Segundo ele, não se tratou de um abandono da geração modernista, com a qual partilhara a fase de reformulação estética. Renunciava apenas à disponibilidade, sinônimo de recusa a compromissos, de alheamento à questão da verdade. Alterava uma hierarquia de valores, sem renegar nenhum deles. Em sua conversão, teria ocorrido mudança de atitude e não ruptura com os companheiros. Quanto à tentação de repudiar o pseudônimo, símbolo das lides de combate modernista, percebera não existir solução de continuidade entre esse Tristão e o Alceu católico militante. Um estava dentro do outro e iriam

⁸ Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), *Memórias improvisadas*, *op. cit.*, p. 138.

⁹ Georges Bernanos, *Lettre aux Anglais*, *op. cit.*, p. i-XI.

¹⁰ Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), “Adeus à disponibilidade” in *Meio século de presença literária*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1969, p. 14-27.

continuar juntos. “Livre e ligado”, como escrevia Carlos Drummond de Andrade,¹¹ Tristão-Alceu, crítico e cristão, síntese de uma vida que, em seus acertos e erros, procurou a fidelidade a si mesma.

Para essa tomada de posição, contribuíram as amizades, a de Jackson Figueiredo, particularmente, e alguns escritores católicos, como Maritain, Chesterton e Bernanos, aquele com maior relevo do que esses, cuja leitura se prolongaria com efeitos salutares no que se poderia chamar de uma correção de percurso. Nesses anos 1930, tão marcados por ideologias radicais, muitos pensaram, e também Amoroso Lima, no seu zelo de “cristão-novo”, engajado na Ação Católica e na Liga Eleitoral Católica, que longe do conservadorismo estrito de direita, do integralismo, não existia salvação para a Igreja. O neófito foi antigetulista sim, contrário a um populismo até certa medida simpático ao fascismo, defendendo, entretanto, uma vertente extremista dessa ideologia, chamada entre nós de integralismo. A essa altura, teriam intervindo, mais ou menos diretamente, Maritain, a partir de *Primado do espiritual*, Chesterton, descoberto inicialmente na *Evolução da história da humanidade*, e Bernanos, que muito impressionara Amoroso Lima com *Sob o sol de satã*. Marcas essas que vinham, umas de muito longe, outras mais recentes, atuantes sempre, e, no caso de Bernanos, reforçadas por sua presença no Brasil.

A pergunta que caberia fazer, quando é do conhecimento geral que Maritain atendia muito mais ao racionalismo e ao espírito conciliatório do escritor brasileiro do que o agitado e intuitivo Bernanos, talvez se possa resumir do seguinte modo: que imagem ficou do antigo seguidor de Maurras no ex-simpatizante do chefe integralista Plínio Salgado?

A descoberta do Novo Mundo repete-se pela enésima vez, na permanência brasileira de um Bernanos desiludido, recuperando, como alguns, o que não procurara: seu orgulho, sua dignidade.¹² Já outros, menos felizes e mais ambiciosos, tinham sonhado com o Eldorado das riquezas e da eterna juventude. Para Alceu Amoroso Lima, o deslocamento de tipo privilegiado no qual germina a revitalização moral, autêntica possibilidade de tornar a ser, faz dos europeus verdadeiros “renovadores da história”, enquanto nós, que não vamos a parte alguma, que não temos o recurso da mudança, “somos os conservadores”.¹³ Na visada desse brasileiro aberto ao mundo, não há subserviência em reconhecer esses papéis. Distante do nacionalismo estreito, a atitude coaduna-se perfeitamente com o princípio de uma religião que busca, em última análise, o sentido original do “*katholikós*”, do universal. Por isso, também se compreende que a política de direita, facciosa e interes-

seira, foi um engano na carreira desse homem amante da liberdade, o mesmo que revelaria, um dia, a força de suas convicções democráticas.

Nessa ordem de idéias, ele admirou o escritor Bernanos, mas, assim como fez seu próprio *mea culpa* ideológico, não hesitou, com a habitual cortesia e sem cair no panegírico vazio, em traçar do francês um perfil isento tanto quanto possível. Repudiava a “mitologia bernanosiana” conquanto visse claramente no herói do mito, “acima de tudo, um cristão impetuoso e trágico, um inquietador de consciências que [...] lutou pela recuperação da Cristandade”.¹⁴ Ao mesmo tempo, analisou com lucidez a posição de Bernanos sobre assuntos políticos e sociais. A seu ver, tratava-se de um “medievalista feudal”, monarquista convicto, que se colocava ao lado do povo, mesmo divergindo da ideologia que estivesse estimulando o movimento. Seria, por exemplo, seu modo de encarar a participação popular na Revolução Francesa.¹⁵

Na oposição, por vezes violenta, que alguns intelectuais lhe fizeram, há de se perceber a direção que tomava o catolicismo brasileiro, pretendendo ser “uma revolução antiburguesa voltada para o futuro e não para o passado, voltada para a Idade Nova e não para a Idade Média”. E, contudo, diz Amoroso Lima, Bernanos abriu “janelas”.¹⁶

Seria necessário lembrar que a época difícil que a França vivia, essa França ainda prestigiosa, sustentada por um paladino indômito, sacudia os ânimos, despertava emoção? Observa o escritor brasileiro, a propósito de Bernanos e de Péguy, que eles viam a França através de uma concepção “mística, honrosa, tradicional”, uma França “aureolada de glórias militares e intelectuais”,¹⁷ concepção, em suma, que se identificaria à de De Gaulle.

A figura de um cruzado, de espada em punho, intolerante, rabelaisiano na sua violência, introduz outro aspecto desse vínculo entre o rebelde autor de *Scandale et vérité* e aquele que, nas lides literárias, tomava partido, buscando embora a objetividade, o equilíbrio. Já aqui, as vias são, por assim dizer, de mão única, na medida em que a proximidade se estabelece fundamentalmente entre leitor e texto. Se, como foi assinalado, não se deve separar Tristão de Alceu, certas atividades caracterizam melhor esse ou aquele. O crítico que renunciou à liberdade de julgamento estético exclusivo para defender uma leitura ancorada em filosofia de vida não surgiu da noite para o dia. Já em 1925, nos tempos de Tristão, sustentava uma crítica que fosse a superação do impressionismo e da pretensão científica, em síntese expressiva. A influência de Croce é sensível a essa altura. Futuramente, partirá de uma visão filosófica ampla, totalista e não totalitária, direcionada por uma compreensão que, embora defluindo de princípios religiosos, excluirá o juízo moralista e a intolerância. Exemplos fecundos dessa prática são o paralelo que estabelece entre Proust e Bernanos e o artigo intitulado “Satã nas letras”.¹⁸

¹¹ O poema, em cópia autógrafo, encontra-se às páginas xii e xiii do livro *Meio século de presença literária* (op. cit.) e reflete o vínculo entre as duas fases do crítico: O Escritor. “Alceu e Tristão: o nome / e o pseudônimo ensinam / uma unidade de alma / na unidade do amor. // Pois é o amor unidade / multiplicada, e a vida / quando se recolhe aos livros / é para voltar mais vida. // Em cinquenta anos de letras / uma flor desenha as pétalas / de amoroso convívio: / o homem livre e ligado. // Livre e ligado a seu próximo / na larga avenida humana / em que beleza e justiça / fazem da espera, esperança. // Tristão e Alceu: a mesma / fiel cristalinidade: / uma criança sorrindo / no sábio à sombra de Deus”.

¹² Georges Bernanos, *Lettre aux Anglais*, op. cit., p. 1.

¹³ Hubert Sarrazin, *Bernanos no Brasil*, op. cit., p. 27.

¹⁴ Hubert Sarrazin, *Bernanos no Brasil*, op. cit., p. 31.

¹⁵ Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), *Memórias improvisadas*, op. cit., p. 158.

¹⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 165.

¹⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 169.

¹⁸ Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), *Meio século de presença literária*, op. cit., p. 88.

Proust foi uma paixão confessada. Trabalhos relativamente recentes acerca da recepção do autor francês no Brasil referem-se a textos de Tristão de Athayde.¹⁹ Um deles, “Marcel Proust”, publicado depois em *Estudos*, 2ª série, é considerado o mais importante dos estudos iniciais.²⁰ Datado dos anos 1920, analisa a obra proustiana em seus diversos ângulos: dissociação da personalidade, memória, tempo, senso de humor; profundidade atribuída às coisas vulgares, exame da horizontalidade da alma humana, registro em crônica de uma época declinante. Amoroso Lima passa discretamente sobre o problema do homossexualismo, repetindo, com Rosny, que o essencial em Proust é o que nele há de verdadeiramente novo. Não lhe escapa, porém, que, desse lado, da arte propriamente dita, foi um esteta e perfeccionista, amante da verdade, e não como queriam os leitores superficiais ou aqueles que simplesmente não o tinham lido, um decadente, um impressionista, degenerado e imoral.²¹

Ao confrontá-lo com Bernanos, em 1948,²² mostra o lado enfermiço e delicado de um em paralelo com a vitalidade e virilidade de outro. Otimismo decrépito contra pessimismo iluminado pela esperança. Quaisquer que fossem seus princípios críticos, não sacrificou, porém, em novos altares. Retomou de Proust o que já dissera e o colocou lado a lado com Bernanos.

Em outro plano, também cede a uma avaliação justa. É importante olhar de perto “Satã nas letras”. O católico está aí diante de um assunto fascinante para todo espiritualista: o mal. O artigo data de 1958, e nele o objetivo maior reside na análise de dois escritores brasileiros muito diferentes, e que, no entanto, trataram precisamente dessa questão: Otávio de Faria e Guimarães Rosa. Apenas na primeira parte, ao fazer um histórico do tema dentro da literatura ocidental, surge a figura de Bernanos contraposto a Gide em uma série de pares que envolve, na língua inglesa, Faulkner e Graham Green, nos Bálcãs, Kafka e Kazantzaki. Todos herdeiros de uma longa tradição remontando, nas letras, a Virgílio, Dante, Milton, Goethe e, no século XIX, a Gogol e Dostoiévski. O diabo vai trazer a dimensão do sobrenatural ao romance e o tema surge como acréscimo a um recorte psicológico e social cuja origem está em Stendhal e Balzac.

Se os autores brasileiros foram objeto privilegiado da crítica de Alceu Amoroso Lima, em fase que muitos julgam ser de todas a mais fecunda – a da renovação católica e, em sentido amplo, a da problemática do homem –, vale lembrar que, nessa categoria, situa-se também a discussão das causas e características da iniquidade, envolvendo inevitavelmente a religiosidade.

¹⁹ Maria Marta Laus Pereira Oliveira, “Aspects de la critique proustienne em France et au Brésil”, *Fragments*, Florianópolis, v.6, n. 22, p. 55-84, 1997.

²⁰ Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), *Estudos*, 2ª série, 2.ed, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.

²¹ O crítico lembra a reação de Proust que, já muito mal e tendo confrontado o relato da morte de Bergotte com sua própria experiência, quis ainda alterar o manuscrito (Alceu Amoroso Lima [Tristão de Athayde], *Estudos*, 2ª série, op. cit., p. 156).

²² Hubert Sarrazin, *Bernanos no Brasil*, op. cit., p. 22.

Amoroso Lima há de se ocupar, em alguns parágrafos, dos dois livros que parecem tê-lo marcado em profundidade: *Sob o sol de satã* (1926) e *O senhor Ouine* (1946). O primeiro, ele o considerou mais decisivo para sua vivência católica do que o próprio convívio com Bernanos. De ambos recupera uma marca saliente: “*Sous le soleil de satan*” seria “uma réplica ao culturalismo cético de Anatole France” e “*Monsieur Ouine* iria ser uma réplica a André Gide, que tomara a si a inglória tarefa de superar o ceticismo pelo indistintismo neopagão”.²³ E aqui há de curioso o fato de o escritor brasileiro ter justificado o seu abandono da disponibilidade, no momento de optar pela fé, também como uma reação a Gide.²⁴

Mais centrado nos conteúdos, embora desde logo tenha sabido valorizar como popular e culto o mecanismo da linguagem em um Guimarães Rosa, Amoroso Lima enfatiza, quanto a Bernanos, o drama humano, não da solidão, e sim do dilaceramento entre Deus e o demônio, ambos seres existentes dentro de uma perspectiva ortodoxa que exclui, no caso, a possibilidade de se tratar de meros símbolos ou metáforas do bem e do mal. Assim, Bernanos hierarquiza valores ônticos e, por isso, condena a redução dos contrários ao “sim” e ao “não”, ao “oui” e ao “non” da personagem que tem esse nome, *Ouine*. É exatamente essa firmeza em recusar a tibiez, o comodismo; essa firmeza radical que empolga no artista e diante da qual há reticências quando percebidas no homem. Talvez por ser mais convincente a palavra da arte. E hoje quando a ideologia liquefaz as diferenças, sob pretexto de dar voz às minorias que pulveriza, parece-me pelo menos reconfortante reconhecer no crítico a capacidade de isenção, a sincera admiração. Que, certamente, foi muito mais pelo católico romancista do que pelo católico polemista. Por isso, também soube ver em Bernanos o contraponto do vulcão, o homem que não ignorava a doçura. Amoroso Lima gostava de citar uma passagem que o amigo – e, sem dúvida, assim poderia chamá-lo – registrara no álbum de sua filha Maria Helena. Seria, creio eu, como uma súplica da fé comum e da igualmente compartilhada esperança no homem:

*Tout ce qu'il y de beau dans l'histoire du monde s'est fait à l'insu de nous par le mystérieux accord de l'humble et ardente patience de l'homme avec la douce Pitié de Dieu (Sarrazin, 1968:29).*²⁵

²³ Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), *Meio século de presença literária*, op. cit., p. 89.

²⁴ Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), *Memórias improvisadas*, op. cit., p. 138.

²⁵ Hubert Sarrazin, *Bernanos no Brasil*, op. cit., p. 29.